

GRÉCIA E MACEDÔNIA

*“É belo que o homem bravo, combatendo por sua pátria, tombe na primeira fila; mas o que deserta de sua cidade e de seus campos férteis e vai mendigar, errando com sua querida mãe, seu velho pai, é o mais miserável dos homens... Nós, corajosamente, combatemos por esta terra, morremos por nossos filhos, não poupamos nossa vida. Ó jovens, combatei, unidos uns aos outros, não temais senão a vergonha da fuga, estimulai no vosso coração uma valente e sólida coragem, e não vos inquieteis com a vida lutando contra o inimigo. Não abandoneis os velhos guerreiros cujos joelhos já não são mais ágeis. É vergonhoso que um homem velho, tombado na primeira fila, caído diante dos moços com sua cabeça branca, a sua barba branca, morra corajosamente na poeira, com o corpo esfolado... Mas aquele que conserva a bela flor da juventude, vivendo, é admirado pelos homens e pelas mulheres, e, também, quando tomba com bravura na primeira linha. Que cada um marche, pois, para o combate com pé firme, mordendo os lábios.”*²

Tirteu, poeta grego

A civilização grega resultou da interação cultural (pacífica ou violenta) de diversos povos que se estabeleceram gradativamente, a partir do V milênio a.C., na região balcânica, no sudeste da Europa. No II milênio a.C., os Balcãs foram invadidos por povos indo-europeus: os aqueus, os dórios, os jônios e os eólios. Estes povos, oriundos das estepes da Europa oriental, após subjugarem as populações locais, fundaram importantes cidades-estado, em diferentes regiões da Grécia.

A topografia da Grécia contribuiu muito para delinear o perfil cultural, econômico e social das cidades gregas. O terreno montanhoso dificultava o contato entre as cidades, fazendo com que estas, embora tendo uma cultura comum, desenvolvessem instituições diferentes e rivalidades entre si; esse fato contribuiu para a inexistência de um estado que unisse todos os gregos. O solo árido e rochoso era um empecilho para a agricultura; mas o litoral, com bons ancoradouros, possibilitou a existência de um lucrativo comércio marítimo e a colonização de regiões banhadas pelos mares Negro e Mediterrâneo. No contexto das lutas pela hegemonia comercial no Mediterrâneo Oriental, insere-se a Guerra de Troia, lendário conflito que teria sido travado por gregos e troianos, provavelmente entre os anos de 1500 e 1100 a.C. (narrado na *Ilíada*, poema épico de Homero).

² apud ISSAC; ALBA, 1968, p. 161.

GRÉCIA, SÉCULO V a.C.



O florescimento das cidades gregas intensificou-se a partir do século VII a.C. Destacaram-se Esparta e Atenas, que tinham características opostas. A primeira, localizada na península do Peloponeso, caracterizava-se por ser aristocrática, militarista e conservadora; a segunda, edificada na península da Ática, perto do porto de Pireu, era democrática, mercantilista e aberta a novos conhecimentos. As demais cidades penderam, em geral, a seguir Esparta ou Atenas. Nesse período, despontou a falange (palavra grega que significa estaca), unidade tática básica adotada pelos exércitos gregos.

A falange primitiva era uma formação de infantaria pesada, retangular e compacta, constituída por oito ou até dezesseis fileiras de profundidade. Era integrada, inicialmente, somente por cidadãos gregos, chamados hoplitas. O que essencialmente diferenciava a falange de outras formações de sua época era o fato de seus integrantes atuarem de forma conjunta e não individual. Durante o combate, os hoplitas apoiavam-se mutuamente; ao mesmo tempo em que procuravam atingir o adversário com uma lança, protegiam com seu escudo o companheiro à esquerda. A união era essencial para evitar brechas na formação, pois aberturas poderiam permitir a penetração do inimigo, o que destruiria a unidade indispensável à falange. Dispondo-se, lado a lado, com suas lanças, os hoplitas pareciam, ao inimigo, constituir uma muralha intransponível.

Para tornar-se um hoplita, o cidadão deveria ter capital para adquirir o equipamento necessário a um infante pesado. Também precisava ter meios para prover sua alimentação e ter condições de manter ordenanças ou carros que transportassem o seu material (bastante pesado, cerca de 30 quilos). O equipamento de proteção do hoplita consistia de uma couraça de tecido acolchoado ou de metal, para

proteção do tronco; um capacete de metal, para cobrir o pescoço e a cabeça; grevas, para proteção do tornozelo ao joelho; e um escudo oval, confeccionado com peles, madeira e metal. Uma lança ou pique, com ponta de ferro, que media cerca de 2,8 metros, era a arma básica do hoplita; espadas e punhais eram usados em emergências.

O treinamento militar dos hoplitas consistia de marchas e simulação de ataques, nos quais eram ensinadas as regras e desenvolvidas as habilidades para se combater em conjunto. Procurava-se, ainda, estimular o espírito de corpo, a abnegação, a obediência, a coragem, a disciplina e o amor à terra natal; fatores fundamentais para se manter a coesão da falange e sua eficiência. O serviço militar, símbolo de participação comunitária, não era remunerado, sendo visto como um privilégio pelos cidadãos.

Esparta foi o maior exemplo de devoção integral do cidadão à sua pátria. Desde criança, o espartano era moldado para ser um cidadão-soldado, vivendo exclusivamente para defender a sua cidade. Ao nascer, o espartano era submetido a uma avaliação; tendo problemas de saúde ou defeitos físicos era sacrificado (atirado do alto de um penhasco). Se passasse no exame, permanecia com sua família até por volta dos sete anos. A seguir, passava à disposição do Estado, quando, convivendo com outras crianças, escutava relatos sobre heróis gregos e aprendia a escrever e a entoar cânticos militares. Quando atingia cerca de doze anos passava a viver em acampamentos, voltando-se para o treinamento físico e para a instrução militar. Caso fosse considerado apto, quando chegava à casa dos vinte anos, ingressava no exército, onde permanecia até a velhice.

Em caso de guerra, os hoplitas cerravam fileiras e dirigiam-se para o local da batalha, movidos pela honra, pelo patriotismo, e pelo desejo de fazer valer os interesses de sua cidade. Os exércitos gregos possuíam, normalmente, pequenos efetivos (inferiores a dez mil homens). No campo de batalha, localizado em um terreno plano para não prejudicar a maneabilidade, as falanges posicionavam-se paralelamente. Os combates seguiam rituais e regras; artimanhas não eram bem vistas, pois devia-se lutar lealmente e com honradez. Muitas vezes, a contenda não era decidida pelas falanges, mas por campeões escolhidos pelas cidades.

Dada a ordem para o início da batalha, as falanges rivais avançavam uma contra outra. Seguia-se um choque encarniçado, caracterizado por golpes de lanças, punhaladas e trancos. A força bruta e a coragem eram fundamentais para o rompimento das linhas inimigas. O combate era rápido. Às vezes em menos de uma hora um dos lados acabava por se render. O exército que obtinha sucesso agradecia aos deuses a vitória e prestava aos mortos as

HOPLITA



FALANGES PRONTAS PARA O COMBATE



derradeiras honras. Os covardes eram desprezados e punidos com a perda da cidadania.

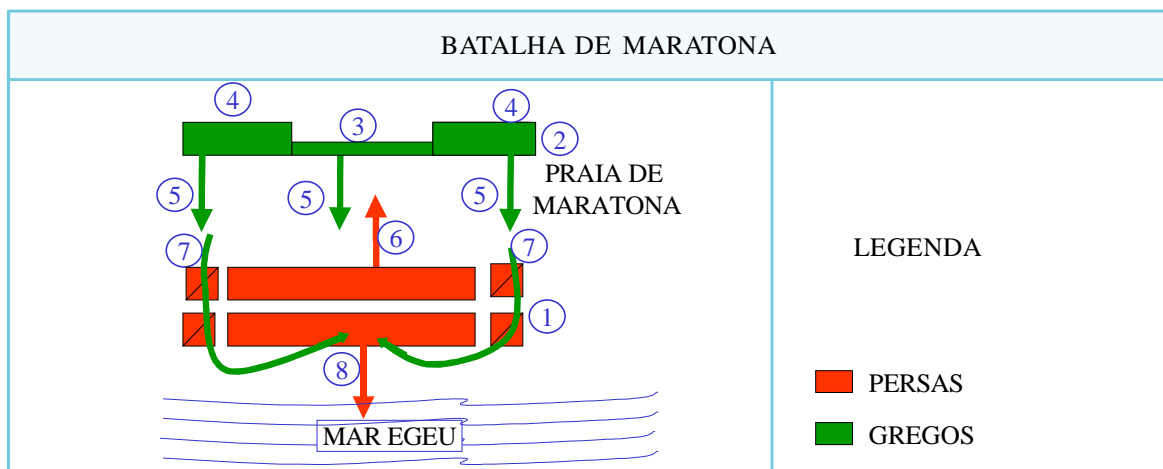
De modo geral, os gregos não davam grande importância à cavalaria e aos carros de guerra. Com poucos cavalos, pois somente na Tessália e na Beócia existiam extensas planícies que possibilitavam a criação desses animais, os gregos não se preocuparam em formar corpos de cavalaria capazes de ter uma atuação relevante em combate. Desse modo, a cavalaria só se prestava para fazer reconhecimentos e os carros de guerra para serem utilizados em cerimônias.

As guerras e batalhas simples entre as cidades da Grécia, porém, estavam com os dias contados. O surgimento de inimigos externos levaria os gregos a mudar seu modo de guerrear.

Em 499 a.C., colônias jônicas da Ásia Menor que viviam sob domínio persa se revoltaram. Receberam o apoio de Atenas e de outras cidades. Em resposta, o rei da Pérsia Dario I (558-486 a.C.), organizou uma expedição para conquistar a Grécia. Iniciavam-se as Guerras Médicas (os gregos chamavam os persas de “medos”).

A primeira guerra entre gregos e persas foi decidida em 490 a.C., na praia de Maratona, onde os gregos venceram os persas em uma decisiva batalha.

A segunda guerra ocorreu em 480 a.C., quando Xerxes, sucessor de Dario I, enviou um grande exército, possivelmente com mais de cem mil homens, para atacar a Grécia. Paralelamente, destacou uma forte esquadra para atacar o litoral grego e fornecer apoio logístico às tropas terrestres. Em reação, Atenas, Esparta e outras cidades gregas formaram uma liga de oposição aos persas (Liga Pan-Helênica).



Em 490 a.C., na praia de Maratona, a poucos quilômetros de Atenas, gregos, liderados por Milcíades, lutaram contra persas, comandados por Datis. Em disputa estava a liberdade ou a submissão dos gregos perante os persas. Os gregos contavam com cerca de 11 mil infantess, enquanto os persas tinham desembarcado na praia de Maratona um efetivo aproximado de 40 mil infantess e 10 mil cavaleiros (1). Milcíades observou a disposição que tomavam as forças persas; mesmo tendo um efetivo inferior, resolveu adotar uma formação de frente igual a do inimigo, para não ser flanqueado (2). Milcíades, no entanto, deixou seu centro mais fraco (3), optando por reforçar as alas (4), a fim de bater as alas adversárias e cercar o inimigo. Os gregos tomaram a iniciativa; atacaram em passo acelerado as forças persas, para surpreendê-las e evitar ao máximo a exposição às flechas adversárias (5). Os persas atacaram o centro grego, mais fraco, mas não conseguiram rompê-lo (6). Os gregos, por sua vez, venceram nas alas, terminando por cercar e destruir boa parte das forças inimigas (7). Apavorados, muitos persas voltaram para seus navios (8). Os gregos, vitoriosos, perderam cerca de 200 homens; os persas, por volta de 6 mil.

Os gregos, comandados pelo rei espartano Leônidas, numericamente em inferioridade, resolveram resistir no desfiladeiro de Termópilas, onde as tropas persas obrigatoriamente teriam de passar. Nesse local, o imenso exército persa foi barrado pelas forças gregas. Um desertor grego, entretanto, informou a Xerxes sobre a existência de uma trilha que possibilitaria um desbordamento às forças de Leônidas. Xerxes enviou sua melhor tropa (os imortais) pela trilha para atacar os gregos, enquanto as demais se prepararam para um ataque frontal. Em face da gravidade da situação, Leônidas evacuou grande parte de sua tropa para a retaguarda, enquanto ele e trezentos espartanos de sua guarda real ficaram na posição para retardar o avanço persa. No embate que se seguiu, os persas, com pesadas baixas, tomaram a passagem. Todos os espartanos pereceram, sem se render. Após a Batalha das Termópilas, os persas prosseguiram seu avanço; invadiram a Ática e incendiaram Atenas, já desocupada por sua população.

No mar, no entanto, os gregos, comandados por Temístocles, venceram a esquadra persa na Batalha de Salamina. Essa batalha se revelaria crucial para o desfecho da guerra. Em decorrência de seu resultado, os gregos passaram a controlar as águas do mar Egeu, eliminando o apoio logístico que a esquadra de Xerxes fornecia às tropas persas que se encontravam em terra. Sem apoio logístico, grande parte das forças persas que estava na Grécia foi obrigada a se retirar para a Ásia Menor. Os persas que permaneceram foram derrotados por tropas gregas, comandadas pelo espartano Pausânias, em 479 a.C., na Batalha de Plateia.

Em seguida, os gregos enviaram uma frota à Micale, na Jônia, que derrotou o exército e a frota persa que lá se encontravam. A Jônia passou a fazer parte da Liga de Delos, liderada por Atenas. O conflito entre a Pérsia e a Grécia aos poucos definhou, embora ambas continuassem a interferir nos assuntos internos da rival.

Nas Guerras Médicas ficou comprovada a superioridade bélica dos gregos em relação aos persas. Isso deveu-se a diversas razões. Os gregos lutaram com mais denodo pela preservação do seu modo de vida e pela defesa de suas cidades, enquanto as forças persas estavam menos motivadas, impulsionadas somente pelo desejo de conquistar terras e riquezas. Os exércitos gregos eram compostos por cidadãos imbuídos de civismo; os persas, ao contrário, contavam em suas fileiras com soldados de diferentes nacionalidades, muito dos quais mercenários ou forçados a lutar. As fortes armaduras e as lanças longas dos gregos deram-lhes nítida vantagem sobre os persas, que eram dotados de poucos equipamentos de proteção e lanças curtas. As falanges mostraram-se bem mais disciplinadas do que as desorganizadas tropas persas. Os gregos também mostraram-se muito superiores aos persas na arte da guerra naval. Finalmente, nas batalhas decisivas, os comandantes gregos empregaram suas forças com mais eficiência do que os comandantes persas.

O resultado das Guerras Médicas contribuiu para a decadência do Império Persa e para o florescimento da civilização grega. Atenas saiu fortalecida do conflito, passando a ser a cidade hegemônica na Grécia.

O fim das guerras contra os persas não trouxe, todavia, paz à Grécia. Vencido o inimigo externo, as cidades gregas voltaram com toda intensidade a rivalizarem-se. As cidades formaram ligas antagônicas: Atenas passou a liderar a Liga de Delos; Esparta, a Liga do Peloponeso.

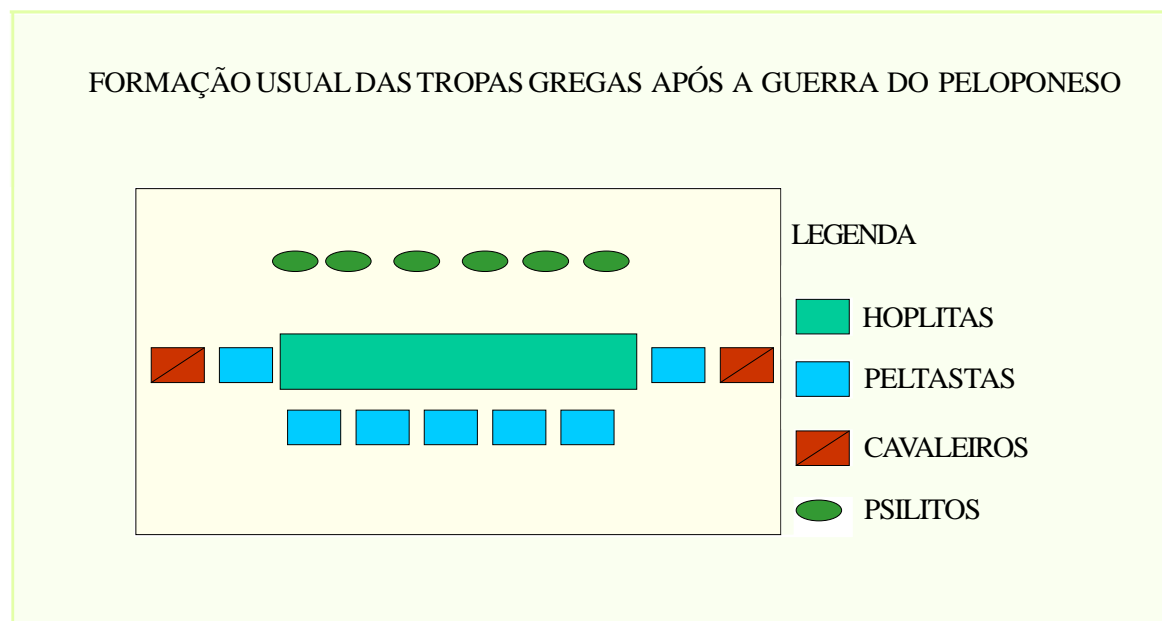
Em 460 a.C., disputas marítimo-comerciais entre Atenas e Corinto (esta integrava a Liga do Peloponeso) levaram as ligas a um sangrento conflito, que ficou conhecido como a Guerra do Peloponeso.

A guerra teve algumas interrupções e somente terminou em 404 a.C., com a vitória da liga liderada pelos espartanos. A brutalidade do conflito, sua longa duração e as pestes que assolaram os gregos nesse período, levaram a Grécia a se enfraquecer.

Após o conflito, a hegemonia passou a ser exercida por Esparta, mas por pouco tempo. A cidade de Tebas reagiu ao controle espartano, dando início a uma nova guerra. Em 371 a.C., o general tebano Epaminondas venceu os espartanos na Batalha de Leutras. Com a vitória, os tebanos passaram a ter supremacia sobre a Grécia.

Ao longo das guerras contra os persas e entre si, os gregos sentiram necessidade de mudar ou aperfeiçoar seus métodos tradicionais de combate. Diante do recrudescimento das operações militares, que atingiu seu auge na Guerra do Peloponeso, os gregos deixaram de lado as suas antigas regras de luta, levando a cabo ações antes tidas como indignas.

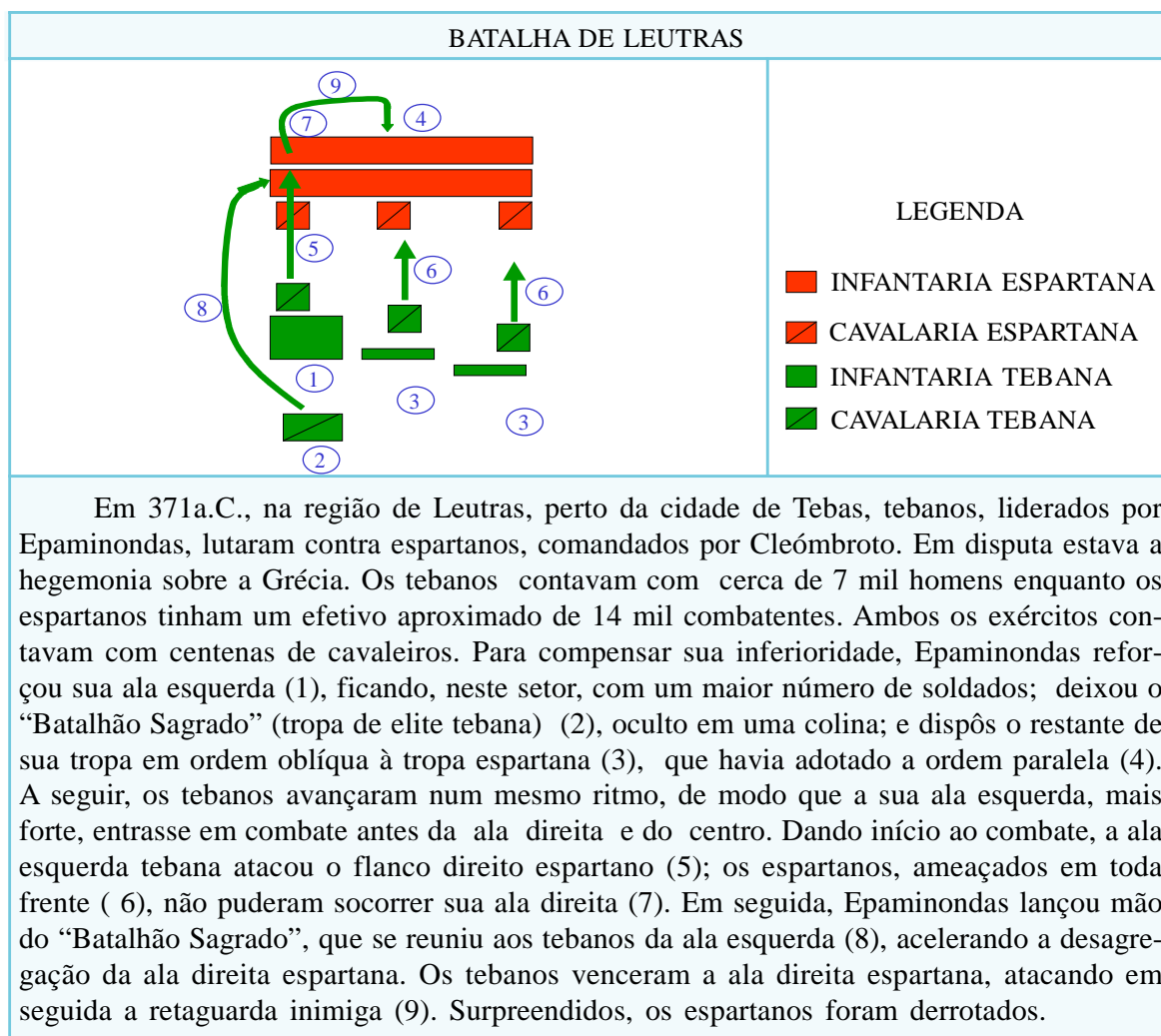
As mudanças começaram na organização da falange. Nas batalhas contra os persas, os hoplitas sofriam constantes ataques de arqueiros, fundeiros e dardeiros. Para solucionar esta deficiência, os gregos criaram unidades compostas por infantes leves (psilitos) para apoiar os infantes pesados. Os psilitos eram recrutados entre os cidadãos que não tinham condições de adquirir o equipamento dos hoplitas. Com armas de arremesso (arcos, dardos e funda), os psilitos posicionavam-se à frente da falange para realizar escaramuças, em preparação e proteção ao ataque principal a cargo dos hoplitas. Mais tarde, surgiram os peltastas, que compunham uma infantaria média, armada com dardos, espadas e escudos pequenos chamados Peltas. Eles se posicionavam nos flancos ou à retaguarda da falange, sendo empregados como infantaria leve ou pesada, de acordo com as circunstâncias do combate. Unidades de cavalaria também foram criadas ou reforçadas, passando, gradativamente, a ter maior importância nos embates. Como um todo, as reformas proporcionaram à falange maior maleabilidade em combate.



Os gregos também conceberam novas estratégias para chegar à vitória, como a destruição de campos agrícolas, para levar a fome às populações inimigas, e o ataque a colônias de cidades inimigas, tendo em vista enfraquecer as suas metrópoles.

Em nível tático, o inimigo derrotado passou a ser perseguido, visando-se sua total aniquilação; psilitos, peltastas e cavaleiros, por serem mais ágeis, eram os que mais se prestavam a essas operações. Na Batalha de Leutras, Epaminondas surpreendeu os espartanos ao empregar a ordem oblíqua em substituição à tradicional ordem paralela. As fortificações ganharam importância; fortalezas foram construídas em pontos estratégicos e cidades foram cercadas por muralhas; para conquistá-las, quem as assediava fazia uso de aríetes, de rampas, de escadas de assalto e de prolongados cercos (no último caso, para forçá-las a se render por falta de suprimento).

Na Guerra do Peloponeso, os exércitos das cidades gregas perderam seu caráter estritamente nacional, pois foram contratados mercenários para se completar efetivos, e o civismo grego arrefeceu, já que muitos cidadãos passaram a se preocupar em auferir lucros pessoais em detrimento dos objetivos comunitários de sua cidade.



Absorvidos e enfraquecidos pelas suas lutas fratricidas, os gregos não puderam fazer frente a um povo que os espreitava, esperando uma oportunidade para submetê-los: os macedônicos.

Os macedônicos formaram um reino no norte da península grega. Embora fossem considerados bárbaros pelos gregos, faziam parte da civilização helênica, com a qual compartilhavam cultura e valores. Em 359 a.C., um rei chamado Filipe II assumiu o poder. Na adolescência, este monarca estivera em Tebas, onde tomou conhecimento da organização militar daquela cidade, a melhor da Grécia na época. “O Batalhão Sagrado”, tropa de elite tebana, muito o impressionou.

Filipe II herdou um bom exército, no qual uma numerosa e combativa cavalaria, recrutada nas planícies da Tessália, se destacava. Procurou, no entanto, aperfeiçoá-lo, tendo como exemplo o sistema militar tebano.

A infantaria macedônica formava uma falange com dezesseis fileiras. Seus integrantes, os pezetairoi (semelhante aos hoplitas), recrutados entre o campesinato, tinham como armamento a “sarrissa”, um pique de cinco metros, bem mais longo do que o utilizado pelos gregos. Para aumentar seu espírito de corpo, eles receberam o título de “companheiros infantes”.

Havia também infantes chamados hipaspistas (escudeiros reais), que formavam uma tropa de elite, equipada com armaduras mais leves e piques mais curtos. Moviam-se rapidamente no campo de batalha para proteger os pontos vulneráveis da falange (flancos e retaguarda) ou para executar ações que exigissem versatilidade.

Ao contrário dos gregos, Filipe II deu grande importância à cavalaria. Os cavaleiros eram denominados “companheiros”; parte deles constituía uma tropa de elite que fazia a guarda do rei. Em sua maioria eram proprietários de terras macedônicas, que custeavam seu equipamento.

Existia a cavalaria pesada e a leve. A pesada era armada com uma lança semelhante à sarrissa, denominada “xyston”. A leve era armada com dardos, que eram arremessados contra os inimigos.

Completavam as tropas macedônicas contingentes de mercenários ou de povos submetidos, que formavam uma infantaria leve equipada com armas de arremesso (com função semelhante à dos psilitos), destinada a escaramuças.

Diferentemente dos gregos, a decisão da batalha estava a cargo da cavalaria e não da infantaria pesada. Esta, auxiliada pelos infantes leves, devia apenas fixar o grosso das forças inimigas, enquanto a cavalaria realizava potentes ataques a pontos vulneráveis do exército inimigo.

Com seu exército pronto e diante do declínio das cidades gregas, Filipe II considerou que podia submeter toda a Grécia. Em 338 a.C., forças macedônicas venceram tebanos e atenienses na Batalha de Queroneia. A batalha foi um grande triunfo para Filipe II e para o seu filho Alexandre. Este comandou a cavalaria, que teve papel decisivo no desfecho do embate.

Após Queroneia, Filipe II assumiu a liderança das cidades gregas. Em andamento a seus planos, procurou unir gregos e macedônicos em torno de uma guerra contra o Império Persa. Todavia, Filipe II foi assassinado em 336 a.C. Seu filho Alexandre, com dezenove anos, o sucedeu.

Alexandre, educado pelo filósofo grego Aristóteles, tinha planos ainda mais ambiciosos do que os de Filipe II. Além de invadir a Pérsia, pretendia dominar todos os povos conhecidos a fim de criar um império universal. Antes de executar seus planos, no entanto, o novo monarca teve de suprimir revoltas de cidades gregas que, aproveitando-se da morte de Filipe II, passaram a questionar a autoridade macedônica. Com rapidez, Alexandre atacou a cidade de Tebas, uma das rebeladas; destruiu-a e escravizou todos os seus habitantes. Vendo o que se sucedera em Tebas, as demais cidades gregas aceitaram novamente a submissão.

Após consolidar sua posição na Macedônia e na Grécia, Alexandre resolveu investir contra a Pérsia. Em 334 a.C., com um exército de cerca de quarenta mil homens, pôs-se em marcha. Nesse mesmo ano, venceu os persas na Batalha de Granico, conquistando a Ásia menor. Em 333 a.C., derrotou novamente os persas na Batalha de Isso. Capturou, em seguida, os portos persas localizados ao longo da costa do Mediterrâneo, privando a frota persa das bases necessárias para atacar as linhas de comunicação e suprimento que ligavam o Exército Macedônico aos seus postos logísticos na Grécia. Algumas cidades resistiram; Tiro sustentou-se por oito meses, mas foi conquistada; os sobreviventes do massacre que se seguiu foram vendidos como escravos.

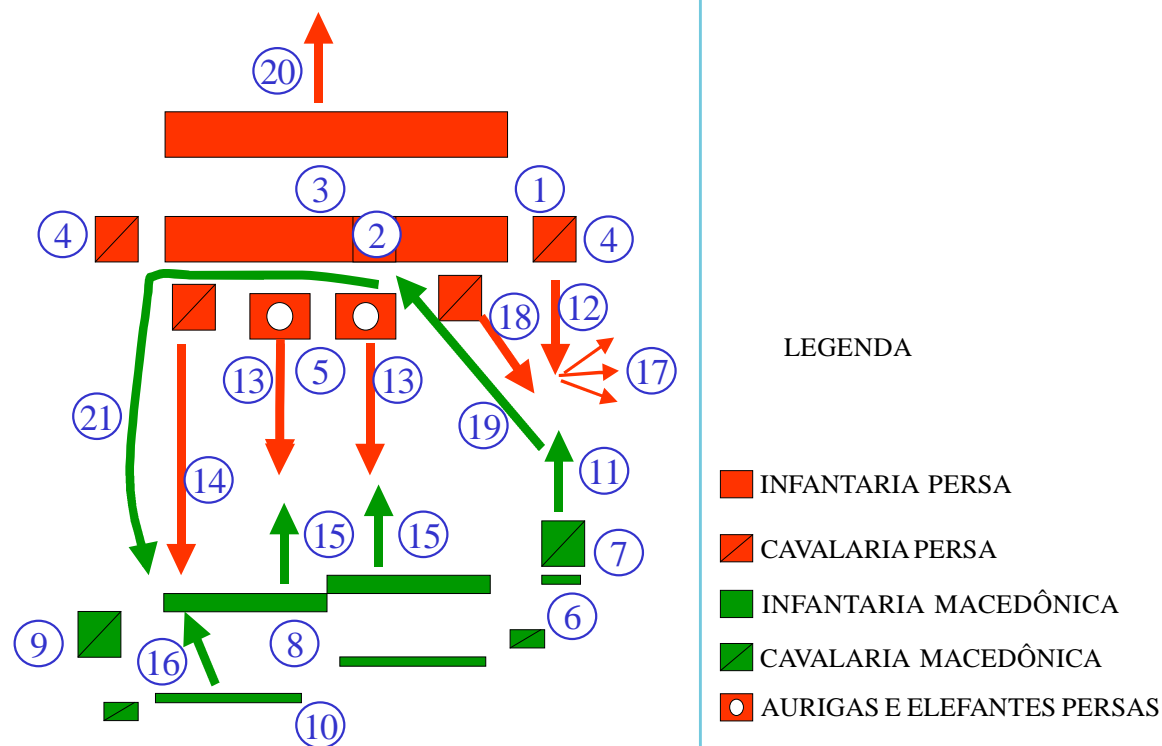
Após conquistar o Egito, onde não encontrou resistência, Alexandre partiu para a Mesopotâmia. Em 331 a.C, na planície de Gaugamela, próxima à cidade de Arbela, o rei macedônico conseguiu uma vitória decisiva sobre o rei persa Dario III, que fugiu, sendo, posteriormente, morto por seus próprios soldados. Alexandre apoderou-se, em seguida, de Susa, Persépolis e Ecbátana, principais capitais persas, proclamando-se herdeiro de Dario III. Em seguida, marchou para o Oriente, conquistando diversas regiões, cessando seu avanço somente no vale do rio Indo. Pretendia seguir para a Índia, mas, em 325 a.C., suas tropas, exaustas, recusaram-se a segui-lo.

De volta à Mesopotâmia, Alexandre estabeleceu a cidade da Babilônia como capital de seu Império. No entanto, logo depois, em 323 a.C, com pouco mais de trinta anos, morreu após ser acometido por uma febre de origem desconhecida.

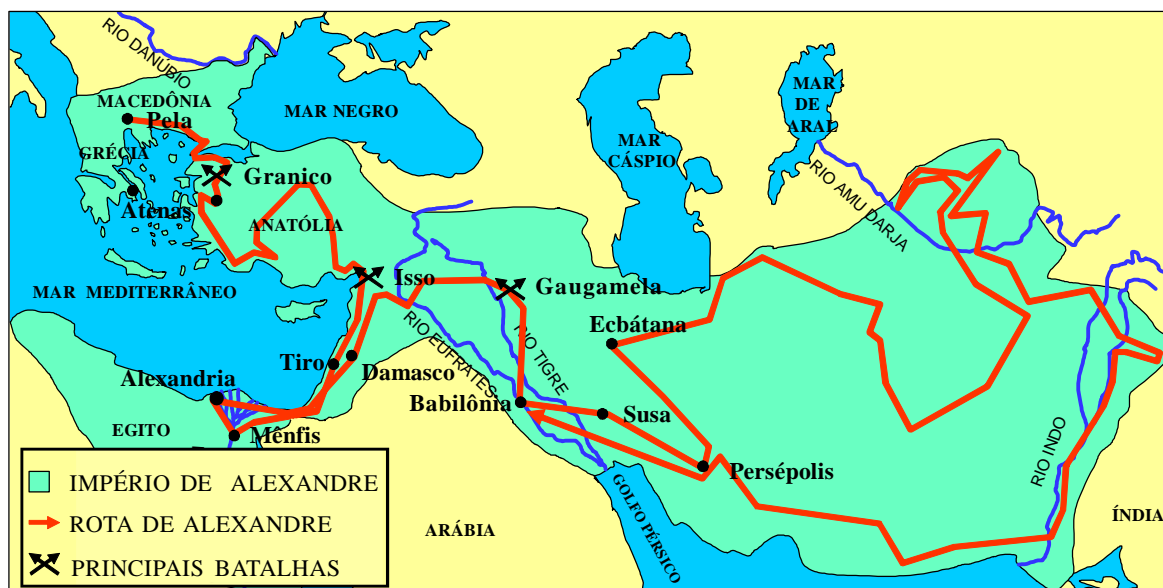
Alexandre herdou de seu pai a máquina de guerra macedônica; não obstante contribuiu muito para a arte da guerra devido à sua liderança e ao emprego que deu a seus exércitos. Suas intervenções foram decisivas nas batalhas, nas quais agia utilizando-se da surpresa e da rapidez.

Sempre à testa da cavalaria dos “companheiros”, pondo em risco sua vida, ele desferiu golpes mortais nos exércitos inimigos, servindo como exemplo a seus subordinados. Nas longas e penosas marchas que empreendeu, ele manteve o exército unido sob um mesmo objetivo, mantendo seu poder de combate. Tratava os seus soldados

BATALHA DE ARBELAS OU GAUGAMELA



Em 331 a.C., na planície de Gaugamela (Arbelas), perto de Nínive, macedônicos, liderados por Alexandre, lutaram contra persas, comandados pelo rei Dario III. Alexandre contava com 40 mil infantes e 7 mil cavaleiros; enquanto Dario III possuía 300 mil infantes e 40 mil cavaleiros. Em disputa estava o futuro do Império Persa. Dario III dispôs seu exército em 2 fileiras em ordem paralela (1); com sua guarda, ocupou o centro da linha de batalha (2); o centro era formado pela infantaria (3), tendo nas alas forças de cavalaria (4); à frente do dispositivo foram colocados cerca de 200 carros de guerra, elefantes e cavaleiros (5). Alexandre dispôs suas tropas em 2 linhas, em ordem oblíqua (6); a primeira linha, com cerca de 30 mil homens, tinha em sua ala direita infantaria e cavalaria ligeiras (7), comandadas pelo próprio rei macedônico; no centro foi colocada a infantaria pesada (8); e na ala esquerda tropas de cavalaria (9); a segunda linha era formada por contingentes menores de cavalaria e infantaria ligeira (10). Dario III iniciou o combate ao ordenar que seus carros de guerra e elefantes atacassem o centro (13) e a ala direita macedônicos (14). Alexandre reagiu comandando um avanço da cavalaria de sua ala direita (11). Para fazer frente a esta ameaça, Dario III designou parte da cavalaria de sua ala esquerda para atacar os cavaleiros de Alexandre (12). No centro, os carros de guerra e elefantes persas foram detidos pelos infantaria macedônicos, que passaram a avançar (15). O setor esquerdo macedônico encontrou maiores dificuldades para deter os persas, recebendo, para isso, reforços da segunda linha (16). Na ala direita, Alexandre dispersou a cavalaria persa que veio lhe interceptar (17); em consequência, Dario III enviou outra força de cavalaria contra Alexandre (18). Esta força, ao se deslocar, deixou uma brecha nas fileiras persas que deixava exposta a posição onde se encontrava Dario III. Percebendo isso, Alexandre, apoiado por parte da reserva e pelos infantaria do centro, atacou os persas no setor onde se encontrava Dario III (19); este, sentindo-se ameaçado, fugiu do campo de batalha, sendo seguido por grande parte de suas tropas (20). Alexandre iniciou uma perseguição aos persas que se retiravam, mas viu-se obrigado a retornar para apoiar sua ala esquerda, que ainda lutava com forças remanescentes persas (21). Derrotando as últimas forças persas, Alexandre consolidou sua vitória.



como iguais, promovendo muitos por merecimento e não por sua classe social. Nas vésperas dos combates, andava pelo acampamento conversando com os soldados; visitava-os se estivessem feridos depois da batalha. A tomada dos portos persas no Mediterrâneo, realizada para garantir o apoio logístico às tropas macedônicas, demonstra também seu apurado tino estratégico. Por fim, Alexandre, em suas conquistas pelo Oriente, difundiu a cultura grega. Da fusão das culturas grega e oriental surgiu a cultura helenística, caracterizada por brilhante desenvolvimento das ciências, das artes e da filosofia.

Após a morte de Alexandre, seu império foi dividido entre seus generais, que formaram três grandes reinos. Antígono reinou na Grécia; Ptolomeu, no Egito; e Seleuco, na Pérsia e em grande parte da Ásia Menor. Os herdeiros de alguns desses reinos brevemente se deparariam com uma nova potência emergente: Roma.